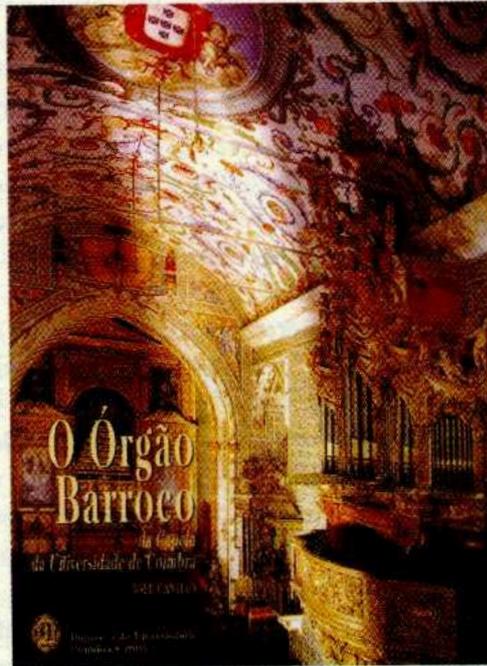


Joel Canhão (2005). *O Órgão Barroco da Capela da Universidade de Coimbra*

Coimbra: Imprensa da Universidade, Série 'Documentos', 38 págs.

M. Helena Vieira

mhglv@iec.uminho.pt



A presente recensão é dedicada à mais recente publicação do Prof. Joel Canhão. Data de Fevereiro de 2005 o livro *O Órgão Barroco da Capela da Universidade de Coimbra* que a editora Imprensa da Universidade em boa hora decidiu publicar, e cujo lançamento oficial decorreu no passado dia 28 de Abril no Espaço da Feira do Livro da referida cidade.

A versatilidade profissional de Joel Canhão será, por certo, conhecida da maioria dos leitores: desde a docência (do Jardim de Infância à Universidade) e da composição, à publicação de livros didácticos para a educação musical das crianças (manuais, canções, coros, peças para piano e outros instrumentos), passando pela direcção coral (Orfeão Escalabitano, Grupo Coral Alfredo Keil, Orfeão Académico de Coimbra, Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra) e pela actividade poética (sob o pseudónimo de Mouro Serpa) e jornalística, muitas têm sido as áreas a que o autor se tem dedicado. Muitos de nós, profissionais do ensino da música, teremos até beneficiado de várias das suas obras didácticas ao longo do estudo efectuado na nossa formação. Quem, entre os profissionais mais jovens, não se recorda, a título de exemplo, das pequenas melodias modais e ciganas para canto e percussão, que faziam parte da formação nos programas da disciplina de Educação Musical dos Conservatórios, e que ilustravam, de modo concreto, uma realidade musical que, de outra forma, teria talvez ficado restringida ao terreno dos “saberes teóricos”, não actualizados através de repertório pela maioria dos professores? ¹

A obra descrita neste artigo relaciona-se, contudo, com uma outra actividade do autor, já agraciado com o grau de Oficial da Ordem do Infante D. Henrique: o cargo de organista titular da Universidade de Coimbra, que vem desempenhando há cerca de três décadas. O conhecimento e a familiaridade com o órgão da Capela da Universidade fazem com que o estudo apresentado traduza, não apenas um saber técnico e profissional, histórico e organológico, mas também um saber *afectivo* sobre “matéria tão cara

ao nosso espírito” (p. 9) e um verdadeiro saber “de experiência feito”, capaz de revelar os melhores processos e segredos para tirar o máximo partido da interpretação no instrumento.

Embora o livro, de pequenas dimensões, não se encontre dividido em capítulos ou partes, nele podemos encontrar diversas secções: uma primeira (pp. 9-14), dedicada à história deste órgão, desde a sua construção (que ocorreu em 1732, no reinado de D. João V, em substituição de um órgão mais antigo do qual nos chegaram alguns relatos) até à actualidade, passando pelos restauros de 1939 e de 1972/73; uma segunda (pp. 14-17), descrevendo as características organológicas do instrumento; uma terceira (pp. 17-19), onde o autor, generosamente, oferece os conhecimentos específicos que possui, enquanto intérprete, sobre os segredos do funcionamento do órgão, sobretudo ao nível do trabalho de pedais e de registações; uma quarta (pp. 19-20) que constitui um breve apontamento sobre as qualidades sonoras do instrumento; uma quinta (pp. 21-22), descritiva do estilo barroco joanino em que se filia a caixa do órgão; e uma sexta (pp. 25-38) que reúne os documentos fotográficos do instrumento e da capela que o acolhe (mísula, varanda, *chinoiserie*, leques de palhetas em chamada, registos, pedais, manual, estante, canaria, ventilador eléctrico e fole, órgão completo, capela). Na página 23 é apresentada a composição dos registos.

Uma das características que ressalta, genericamente, da escrita de Joel Canhão ao longo desta obra é a inteireza que as palavras traduzem: compreende-se a riqueza singular que constitui a fusão do intérprete com a do estudioso (da sua visão exterior e organológica do instrumento). É clara também a fusão do intérprete e do estudioso com a concepção sócio-cultural, teológica e eclesial que presidiu na história, desde os tempos da Grécia antiga, à apropriação permanente do órgão enquanto instrumento privilegiado da esfera e dos espaços do sagrado. De facto, o instrumento é descrito pelo autor como “esse cantor-mor vestido de preciosa caixa que lhe emoldura o poder expressivo das vozes para as erguer às alturas infinitas do rosto de Deus” (p. 9)

Este posicionamento, que para outros autores, compositores ou intérpretes, poderá parecer secundário ao fenómeno musical em si, reveste-se de significação vital e fundamentada para Joel Canhão. Para além de uma sensibilidade assumidamente pessoal, manifestada nas numerosas metáforas e citações bíblicas (a primeira das quais é a do próprio órgão, enquanto metáfora da voz humana que se dirige a Deus), o autor possui um conhecimento profundo dos documentos e constituições da Patrística relativos à arte, à liturgia e ao repertório. A consciência do que separa, segundo o autor, as esferas do sagrado e do profano, presidiu à escrita desta obra, e tem sido, desde sempre, uma preocupação sua, sobretudo no contexto da produção musical que é frequente hoje encontrar-se nas igrejas².

Falar desta obra de Joel Canhão, sobre o órgão da Capela de S. Miguel da Universidade de Coimbra, e não sublinhar o posicionamento teológico e espiritual que marca a abordagem do autor, quer enquanto intérprete, quer enquanto estudioso da história do instrumento, seria mutilar a própria inteireza característica do seu olhar, e transparente na sua escrita. Também nesta simples recensão quis fazer eco da “vida real do escritor transfigurada pelo sonho”, para usar as palavras do musicólogo Manuel Valença no prefácio (p. 5). Afinal, os objectos, sejam eles órgãos ou livros, reflectem muitas vezes a dimensão de quem os olha. Recordo aqui, terminando, as palavras com que Joel Canhão definiu as suas intenções com a escrita deste livro: “tentaremos desenhar um retrato capaz de proporcionar ao homem preocupado com valores que transcendem a deambulação doméstica ou ao simples melómano, o contacto com um objecto real ao alcance da sua medida” (pp. 9-10).

Notas

¹ Joel Canhão. *Leitura Modal e Cigana – Formação Musical*. Coimbra: Edições Simúsica, 1993.

² Nota: Vejam-se, a este propósito, os artigos publicados no Diário das Beiras de 9.08.2001, 10.08.2001 e 11.08.2001 sob o título genérico de “Incurções Profanas no Espaço Sagrado”.

N.º 120
Setembro a Dezembro 2004



Revista

de

Educação

Musical



Educação Musical
Revista da Associação Portuguesa de Educação Musical

Propriedade e Administração

Apem, Associação Portuguesa de Educação Musical • Instituição de Utilidade Pública • Representante em Portugal da ISME-International Society for Music Education • Rua Francisco Manuel de Melo, 36, 1.º Dto. 1070-087 Lisboa, Tel./ Fax (351)21 38 68 101 - Email: apem@apem.jazznet.pt **Direcção da APEM** Elisa Lessa, Graça Boal Palheiros, Maria Manuela Encarnação, Vasco Manuel Broco da Silva, Vítor Carlos Viçoso de Paiva.

Directora Elisa Lessa, Universidade do Minho **Vice-directora** Graça Boal Palheiros, Instituto Politécnico do Porto **Conselho redactorial** Elisa Lessa, Graça Boal Palheiros, Maria Manuela Encarnação **Conselho científico** David Hargreaves, Universidade de Surrey, Roehampton, Londres • Elisa Lessa • Graça Boal Palheiros • Graham Welch, Universidade de Londres • João Pedro Oliveira, Universidade de Aveiro • José Carlos Godinho, Instituto Politécnico de Setúbal **Design** Amadeu Alvarenga, Universidade do Minho.

Impressão Barbosa & Xavier, Braga **Tiragem** 1200 exemplares **Periodicidade** quadrimestral
Preço por número 7,50 € **Assinatura anual** 20,00 €.

Registo no SRIP n.º 109959
N.º Depósito legal 88071/95

Apoios:



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR

Portugal